

HITTS

PATRIMÔNIO, INOVAÇÃO, TERRITÓRIO, TURISMO E SUSTENTABILIDADE

UMA HISTÓRIA COMUM



Interreg Sudoe



Co-funded by
the European Union

HITTS



Parceiros

Fundação Huerta de San Antonio, Espanha

Fundação Añana Salt Valley, Espanha

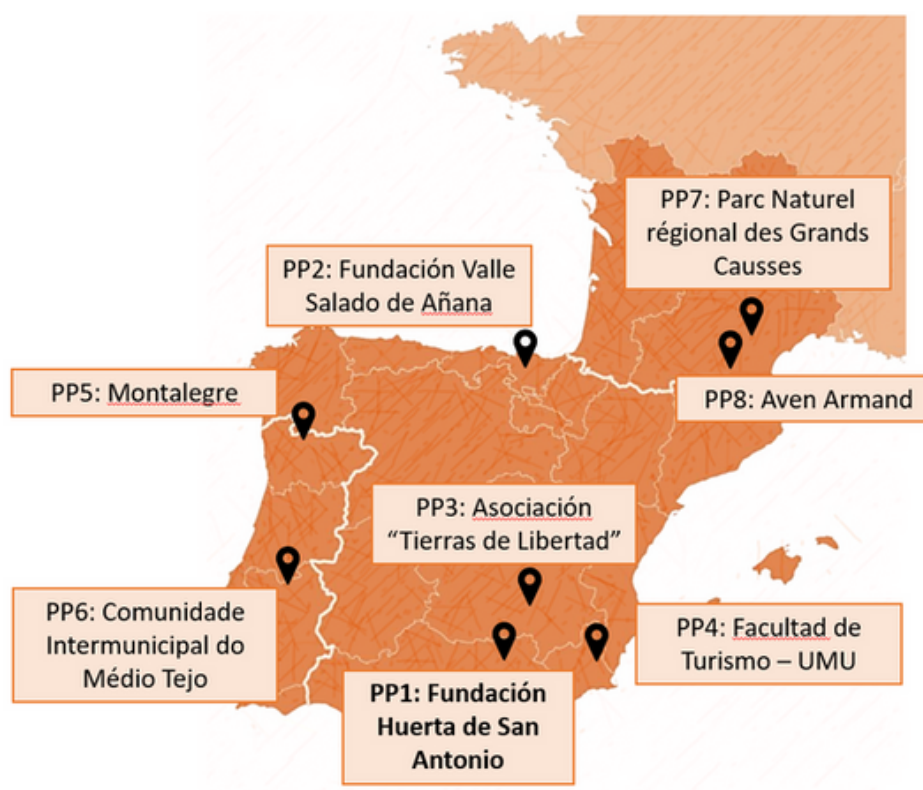
Associação para o desenvolvimento do Campo de Montiel e Campo de Calatrava Tierras de Libertad, Espanha

Communauté Intercommunale Médio Tejo, Portugal

Montalegre, Portugal

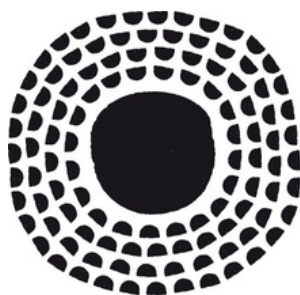
Parc naturel régional des Grands Causses, França

Aven Armand, Montpellier le Vieux S.A.



Resumo

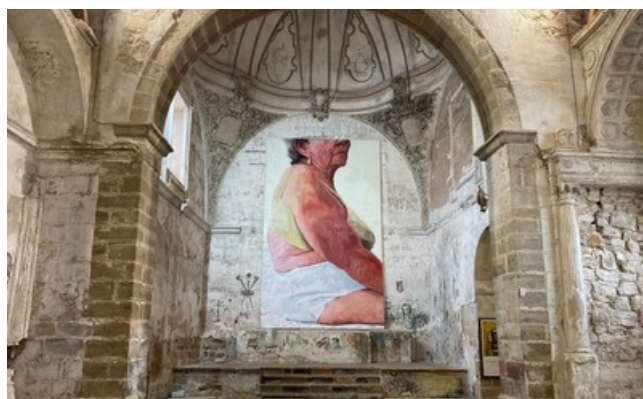
Introdução.....	página 5
Fundação Huerta de San Antonio - Espanha.....	página 6
Fundação Salado de Añana - Espanha	página 7
Tierras de Libertad - Espanha.....	página 8
Medio Tejo - Portugal.....	página 9
Montalegre - Portugal.....	página 10
Syndicat du Parc Naturel Régional des Grands Causses - França.....	página 11
Aven Armand - Montpellier le Vieux S.A.	página 12
Murmúrios de água por todo o lado.....	página 14
Paisagens como livros abertos.....	página 15
Um santuário vivo.....	página 16
O património está vivo aqui.....	página 17
A gastronomia é uma arte de viver.....	página 18
A vontade de fazer coisas juntos.....	página 19
INFOGRÁFICO.....	página 21



Introdução

Um projeto de turismo sustentável e desenvolvimento rural não pode ser concebido sem a construção de uma narrativa comum, capaz de fortalecer o sentimento de pertencimento das comunidades locais e aumentar a atratividade da região. Com isso em mente, os parceiros do projeto HITTS estão trabalhando para desenvolver uma narrativa local e compartilhada em todo o território SUDOE. O objetivo é duplo: destacar o que torna cada território único e identificar os elementos comuns que compõem uma identidade coletiva, diferenciando assim o SUDOE de outras regiões europeias. Para isso, os laboratórios territoriais mobilizam uma equipe multidisciplinar e contam com recursos endógenos, bem como ferramentas inovadoras, como a narrativa aplicada ao turismo cultural e de natureza. Ao combinar entrevistas, depoimentos e explorações de campo, eles desenvolvem narrativas convincentes e significativas, capazes de promover a história, a cultura e as paisagens específicas de cada território. Este trabalho alimenta a criação de uma história comum do SUDOE, que busca dotar a área de uma imagem turística clara, coerente e diferenciada, reforçando assim seu posicionamento como um destino rural de alto valor cultural e natural.

Fundação Huerta de San Antonio



Igreja de São Lourenço

Memória viva

Uma igreja como ponto de partida: Construída após a reconquista cristã, a Igreja de San Lorenzo foi por muito tempo o centro de um bairro de horticultores e artesãos. Batismos, procissões e festas de padroeiros marcaram a vida comunitária, até o declínio das hortas, a emigração de famílias e o abandono das práticas comunitárias. Fechada e em ruínas, simbolizava o fim de uma era. Mas San Lorenzo renasce hoje graças à sua restauração, tornando-se um motor cultural e social.

O sopro da paisagem

Situado num pico rochoso a sul de Úbeda, o bairro abre-se para olivais, montanhas e o Vale do Guadalquivir. Os seus miradouros oferecem mais do que apenas uma vista: um refúgio que o escritor Antonio Muñoz Molina descreveu como uma "visão oceânica". A paisagem é vivenciada através dos sons, cheiros e gestos ancestrais dos jardineiros, cujos jardins suspensos — vestígios frágeis de um mundo desaparecido — ainda preservam a sua memória.

San Lorenzo preserva um tecido urbano único: ruas medievais, palácios renascentistas, muralhas almóadas. Seus tesouros incluem a Casa de las Torres, a Porta de Granada e, especialmente, sua igreja, hoje um vibrante centro cultural. Mas o bairro também se expressa por meio de suas histórias: lendas da Tia Tragantía, contos populares e a memória personificada por figuras locais como Paca, o "Tocador de Sinos". E sempre, as palavras de Muñoz Molina, uma testemunha sensível que capturou a alma do lugar.

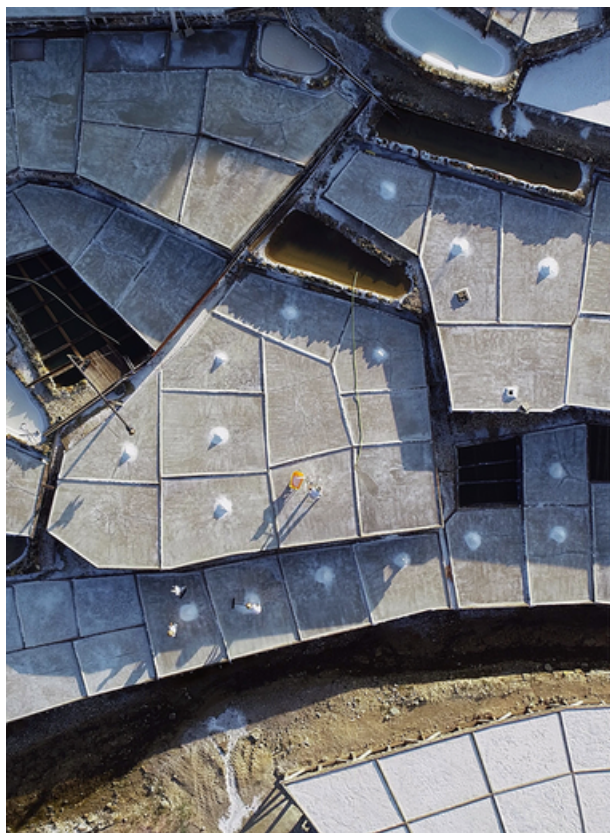
Uma comunidade em mudança

Antes unida pelo comércio de horticultura, a comunidade se fragilizou devido ao declínio da agricultura e ao abandono da paróquia. Hoje, ela se reagrupa em torno do patrimônio, da cultura e da paisagem. A antiga igreja, agora um espaço de encontro e criatividade, reúne novamente moradores e visitantes em torno de uma herança compartilhada e de uma visão de futuro.

www.iglesiasanlorenzoubeda.com



Fundação Vale do Sal de Añana



Vale do Sal de Anana

Um tesouro antigo que combina tradições ancestrais e natureza.

O Vale do Sal (Salinas de Añana) é um dos elementos mais emblemáticos da região. Explorado há mais de 7.000 anos, representa um dos sistemas de extração de sal mais antigos do mundo ainda visíveis. Este sítio, moldado por gerações de famílias locais, demonstra um saber único e uma excelente adaptação aos recursos naturais, em particular à nascente salina subterrânea que alimenta as estruturas em socacos. A produção de sal, pilar fundamental da economia local durante muito tempo, moldou a vida social, o comércio e a organização do território. Mesmo após o seu declínio industrial no século XX, a memória das minas de sal permanece viva, transmitida através de histórias, gestos e costumes de geração em geração.

A região de Añana também se caracteriza pela diversidade de suas paisagens, o que é um verdadeiro trunfo para a qualidade de vida. Seus habitantes desenvolvem um forte senso de pertencimento.

Culturalmente, Añana ostenta um importante patrimônio: arte românica, castelos medievais, casas-torre, mas também tradições rurais e patrimônio artesanal. A cultura local, ainda relativamente pouco estruturada, é fomentada por iniciativas e eventos específicos, como a Schubertiada. Seu desenvolvimento é especialmente importante se for reforçado por ações coletivas enraizadas na região.

Por fim, a vida social se baseia em locais de encontro informais: festas, bares, espaços naturais, e sobre valores compartilhados: solidariedade, respeito pela tradição, desejo de construir comunidade.

www.vallesalado.com



AÑANAKO GATZ HARANA FUNDATZIOA
FUNDACIÓN VALLE SALADO DE AÑANA

Terras da Liberdade



Montiel Compo

Um território com raízes profundas

Localizado no sudeste da província de Ciudad Real, Campo de Montiel é uma área única devido à sua geografia, história e modo de vida.

É um planalto localizado na confluência das bacias dos rios Guadalquivir e Segura. Essa posição estratégica o torna um corredor natural que promove a biodiversidade e conecta as paisagens do Canal da Mancha com os vales da Andaluzia.

Um ambiente único: A área é caracterizada por uma geologia única, graças à presença de lençóis freáticos elevados, dos quais as Lagunas de Ruidera são o exemplo mais visível. O clima mediterrânico, com forte influência continental, gera contrastes sazonais marcantes. A paisagem diversificada proporciona um habitat ideal para a fauna local: águias-reais, lince ibérico, aves estepárias e espécies migratórias.

Campo de Montiel é uma terra rica em história e cultura, habitada desde a Idade do Bronze e moldada por inúmeras civilizações. Desde o século XIII, a Ordem de Santiago deixou aqui a sua marca cultural e religiosa.

Esta área também é mencionada por autores espanhóis como Cervantes e Quevedo, e é influenciada pela poesia de Jorge Manrique. Os períodos renascentista e barroco refletem-se em locais ao longo dos rios Guadiana, Guadalquivir e Segura, como Almedina e Villanueva de los Infantes.

As aldeias de Campo de Montiel têm uma estrutura social homogênea, com habitantes autônomos, porém solidários. A ajuda mútua é valorizada. Seu modo de vida está ligado à agricultura e à pecuária, como ilustra um ditado popular sobre os produtos locais: vinho, pão, azeite e carne. No entanto, algumas atividades tradicionais, como o artesanato com fibras vegetais, estão desaparecendo, colocando em risco um patrimônio cultural cuja preservação é crucial.



Médio Tejo



Tejo Media

O vinho conta a história da terra.

Uma história longa e multifacetada, escrita por diferentes povos e culturas que, ao longo dos séculos, moldaram a paisagem, a identidade e o saber-fazer da região. Cada época deixou a sua marca, ainda viva nas vinhas, nos mostos e nas gentes: dos romanos aos templários, da espiritualidade silenciosa dos cistercienses ao trauma da filoxera, passando pelas transformações do século XX e pela inovação do século XXI, tudo com um olhar para o futuro.

É esta história que a história do vinho no Médio Tejo procura contar hoje. É uma viagem sensorial e cultural, onde cada época representa um capítulo na profunda ligação entre as gentes e a terra. O Médio Tejo é, por excelência, uma montra de terroirs. Argilo-calcários, aluviais e xistosos, os seus solos revelam uma notável diversidade geológica, refletida na riqueza das castas, nos métodos de condução da vinha, nas escalas das videiras, nas técnicas de produção, nas encostas e na exposição solar.

Esta diversidade oferece diferentes expressões vinícolas dentro de um único terroir. No Médio Tejo, esta comunhão é tangível. Aqui, cada vinho expressa uma paisagem, uma memória, um modo de vida. E é através desta ligação profunda e autêntica que a região se consolida como um destino de enoturismo único, com uma forte identidade assente na biodiversidade.

Ao abraçar uma narrativa vinícola partilhada, enraizada na diversidade histórica e na riqueza natural e cultural da região, a região do Médio Tejo posiciona-se como um lugar onde o passado e o presente se entrelaçam em experiências autênticas, sustentáveis e memoráveis. Um território onde o vinho não é apenas um produto, mas um património vivo, em constante evolução e pronto para enfrentar os desafios do futuro.

www.mediotejo.pt



Montalegre



Montalegre

Uma identidade forjada pelas montanhas

Montalegre é uma região de altitude caracterizada pelo seu clima rigoroso, pela riqueza de recursos naturais e pela estreita relação entre os seus habitantes e o meio ambiente. Situado no coração do Parque Nacional da Peneda-Gerês, o único parque nacional em Portugal e classificado como Reserva da Biosfera da UNESCO, o concelho personifica uma forma única de viver na montanha. Os vales, as florestas, as cascatas e as lagoas não são apenas elementos da paisagem: são espaços habitados, utilizados e respeitados. A sensação de ser "uma ilha no céu" reflete o vínculo profundo, quase espiritual, que une os seus habitantes ao seu território.

Montalegre é uma região rica em cultura viva, onde lendas, tradições e símbolos são essenciais. A Ponte da Misarela, o Mosteiro de Santa Maria das Júnias e a celebração da Sexta-feira 13 ilustram um património vivo e reinventado. Eventos como a Vila do Lobo demonstram a capacidade da região de reinterpretar a sua identidade, transformando a figura outrora temida do lobo num símbolo positivo.

A vida social em Montalegre assenta na solidariedade, na partilha de saberes e numa forte capacidade de adaptação. Práticas agrícolas e pastoris tradicionais coexistem com formas contemporâneas de cooperação.

O Ecomuseu de Barroso desempenha um papel central nessa dinâmica: conecta comunidades, apoia iniciativas locais e promove a memória coletiva. É uma ferramenta de coesão, mas também de futuro.

Gastronomia e Património Imaterial: A culinária é simples e rústica, mas profundamente enraizada na identidade local. O pão de centeio, a carne barrosã certificada, os pratos preparados no forno a lenha, os produtos defumados e os mercados de recursos naturais também refletem uma ligação duradoura entre a terra, a tradição e a comunidade. A gastronomia atua como veículo de coesão social, motor do turismo e meio de transmissão cultural.

Parque Natural Regional Grandes Causses



As Grandes Causas

O extremo sul do Maciço Central

Aqui, planaltos a céu aberto, vales férteis, desfiladeiros vertiginosos com águas translúcidas, montanhas verdejantes e terras arroxeadas de bosques vermelhos criam uma paleta infinita de cores e emoções. Criado em 1995, o Parque representou a luta dos pioneiros pela preservação.

O grande rio Tarn



Caminhada pelas Gargantas GR736 e Vale do Tarn
Com mais de 300 km e quinze etapas, esta rota revela o espírito do curso de água.

Ao longo da jornada, o viajante não tira os olhos do rio. Ele caminha por suas margens verdejantes, banha-se em suas águas e contempla o vale de mirantes impressionantes. Iniciando a rota nos pântanos do Monte Lozère, com o sol nascente às costas, o caminhante segue para oeste, guiado pelo rio Tarn. É aqui que ele nasce.

Com o passar dos dias, consolidam-se os indícios de uma peregrinação que acompanha o curso das águas e se desenvolve no plural.

O Rio Tarn revela múltiplas facetas em seu curso acidentado. Nascido nas Cévennes, com mil riachos jorrando do granito, ele floresce em um planalto de alta altitude, uma terra de pastagens e turfeiras. Como poderíamos imaginar que a tímida torrente logo esculpiria um cânion monumental com uma linha esmeralda? Essa metamorfose está ocorrendo na entrada das famosas Gorges du Tarn.

Bem-vindo ao mundo das Grands Causses. Por toda parte, a vastidão da paisagem convida à comunhão com os monumentos naturais que o homem sabiamente preservou. O Viaduto de Millau, uma obra-prima aérea sobrevoada por abutres, atravessa o vale em harmonia. Rio abaixo, o rio, controlado pelas barragens de Raspès, estende-se por tranquilos corpos d'água entre duas margens selvagens e arborizadas. Em seguida, vem o bucólico Vale do Tarn, paisagístico pela agricultura e atravessado por meandros, que inclui a península de Ambialet e sua charmosa vila cheia de personalidade. Uma parada final oferece a descoberta da cidade de Albi.

Aven Armand - Montpellier-le-Vieux



Aven Armand

Onde a pedra fala

No coração das Grands Causses, encontra-se um território esculpido pelo tempo e pela imaginação. Um lugar onde a rocha se torna uma catedral, onde as árvores se agarram aos penhascos, onde o vento evoca os nomes dos antigos. É aqui que a Aven Armand mergulha nas profundezas do Causse Méjean e onde a Cité de Pierres se ergue como uma floresta mineral que desafia o céu. Foi aqui que a SA Aven Armand Montpellier-le-Vieux nasceu há um século.

Por cem anos, esta empresa familiar se moveu com a terra, no mesmo ritmo que a rocha se transforma. Ela abraça suas linhas, sua fragilidade, sua promessa. Tornou visíveis mundos antes considerados inacessíveis. Abriu caminhos, escavou túneis, mas sempre ouviu o que a terra tinha a dizer.

A natureza é uma companheira e uma professora, oferecendo uma experiência imersiva. Sob as estalagmites de Aven Armand, sentimos o tempo geológico.



Montpellier-le-Vieux

Na Cidade das Pedras, cada passo conecta sonhos e erosão. Preservar esses tesouros inclui iluminação suave e gestão da água, incentivando a observação e a compreensão. Visitar este lugar permite que você se desconecte e se reconecte melhor com o mundo. Este lugar é mais do que apenas um espaço de calcário e vento; está repleto de memória, história e patrimônio vivo. Conta a história de exploradores como Martel e Armand, bem como dos guias, geólogos e contadores de histórias que os seguiram.

Por ocasião do seu centenário, a empresa se reinventa para contar melhor sua história e receber melhor os visitantes, ao mesmo tempo em que ancora seu modelo e seus valores culturais.

Aven Armand e a Cidade das Pedras não são meras maravilhas naturais. São reflexos de um século de busca da humanidade por significado. E seu maior tesouro são as mulheres e os homens que, aqui, todos os dias, dialogam entre rocha, memória e vida.



HITTS



As terras que contam as suas histórias Uma alma comum do SUDOE

Há territórios que atravessamos e outros que nos atravessam. Lugares que se impõem não pela força, mas pela precisão. Paisagens que vibram, pedras que falam, águas que conectam. De Añana a San Lorenzo, de Campo de Montiel ao Vale do Tarn, das montanhas de Montalegre às encostas do Médio Tejo, das falésias dos Grands Causses aos planaltos varridos pelo vento, ouve-se um sopro comum. Uma voz diversa, mas uma alma comum.

Em todo lugar a água murmura

Em Añana, traça os contornos de antigas salinas. Em San Lorenzo, embala pomares abandonados. Em Campo de Montiel, emerge das profundezas para criar poças de luz. No Vale do Tarn, serpenteia entre as casas, nutrindo e confortando.

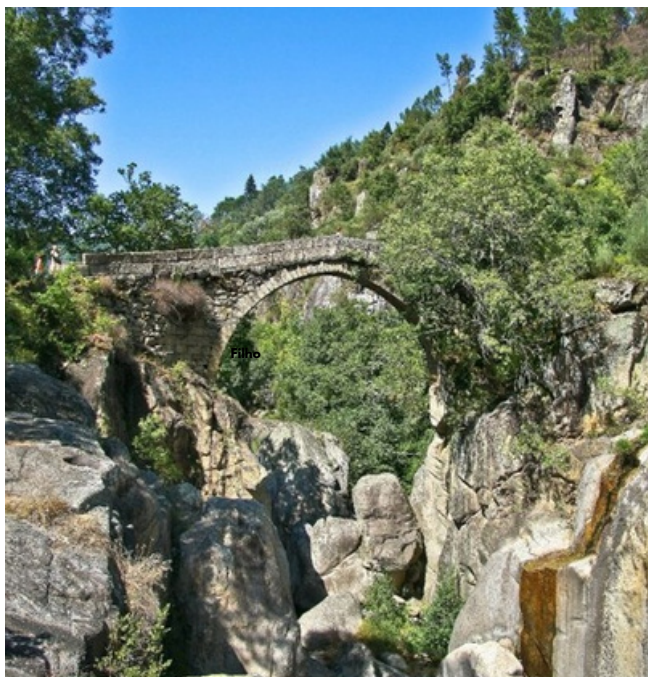
Em Montalegre, desça dos picos, atravesse lagoas e cascatas e abrace os vales. Ali, encarna-se uma espiritualidade ancestral, um pacto tácito com a serra.

E no Médio Tejo, mata a sede dos solos e das vinhas, impregna a memória das castas e transporta silenciosamente o eco de terras antigas.

Nas Grands Causses, a água se torna um tesouro. O terreno impõe suas próprias leis: penhascos, dolinas, cavernas, rios escondidos. Um território acidentado, mas inspirador.



Paisagens, como livros abertos



Nessas terras, as paisagens são livros abertos. Podemos ver a mão do homem, séculos de engenhosidade. Terraços abandonados, moinhos inativos, pântanos escavados na rocha.

Percebemos também o retorno da natureza selvagem: florestas conquistadoras, trilhas devastadas, carvalhos rebeldes. Esses contrastes entrelaçam territórios feridos e férteis. Eles revelam a verdade do mundo rural atual.



E nessas paisagens, as pedras têm voz...

Em San Lorenzo, as lendas de um bairro suspenso no tempo são contadas. No Vale do Tarn, varandas de amendoeiras, adegas e os portões de uma vila fortificada são retratados. Em Montalegre, a memória da Ponte do Diabo, os mosteiros enterrados nos vales e as crenças ancestrais são preservadas. A história também fala da resiliência de um povo da montanha, de sua fé, de suas histórias e de sua relação física com a terra e os espíritos. Nas Causses, eles testemunham provações e conquistas: cruzeiros plantadas em memória dos desaparecidos, cavernas exploradas pelos primeiros espeleólogos, muros escalados em nome de um desafio existencial.

Um santuário vivo



Em Añana, preserva-se o eco das torres e capelas românicas. No Médio Tejo, são as pedras das adegas, os lagares e os muros baixos que nos falam, falam-nos da persistência de um saber-fazer, da lenta alquimia entre calcário, xisto e humanidade.

E nas profundezas das Grands Causses, em Aven Armand, a pedra sussurra de forma diferente. Ali, um sopro secular habita a rocha. Um sopro nascido de uma aventura humana singular, a de uma sociedade única: uma comunidade de homens e mulheres, pioneiros e contrabandistas, unidos para tornar o invisível visível. Cada passo ecoa suavemente, cada luz é pensativa, cada palavra é ponderada. Este não é um local turístico: é um santuário vivo.

Aqui o patrimônio está vivo.



E aqueles que a habitam são seus guardiões.

Histórias coletivas são escritas em cafés, praças, feiras e festivais. Em Campo de Montiel, a planície evoca os mercados de outrora. Em Saint-Rome-de-Tarn, o festival Cornards reúne as crianças locais todos os anos. Em Montalegre, a comunidade se reúne em torno de seus rituais e sabores. Sexta-feira 13 se torna um festival mágico. O lobo, antes temido, é celebrado. Os moradores criam laços através das estações, colheitas e histórias. O Ecomuseu de Barroso se torna o coração pulsante dessa memória viva.

Nas Causses, foi em meados do século XX que a natureza se tornou uma escola. O Clube Alpino de Millau, nascido no espírito do catolicismo social, transformou penhascos em salas de aula, caminhadas em iniciação e esforço físico em aprendizado coletivo. Clubes, alojamentos, associações e cooperativas inventaram uma cultura ao ar livre onde a aventura era um direito compartilhado.

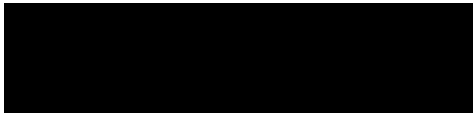


Em Viala-du-Tarn, artistas e contadores de histórias nutrem uma cultura popular e ativista.

Em San Lorenzo, a literatura se torna memória com as palavras de Antonio Muñoz Molina. Em Añana, a música antiga se mistura ao murmúrio da terra.

E no Médio Tejo, cada vindima reinventa a tradição: o vinho é uma linguagem, uma história líquida transportada através dos séculos. Enraizada na antiguidade, moldada por ordens monásticas, abalada por provações, ela renasce a cada ano, rica em diversidade, memória e futuro.

Gastronomia é mais que uma arte de viver.

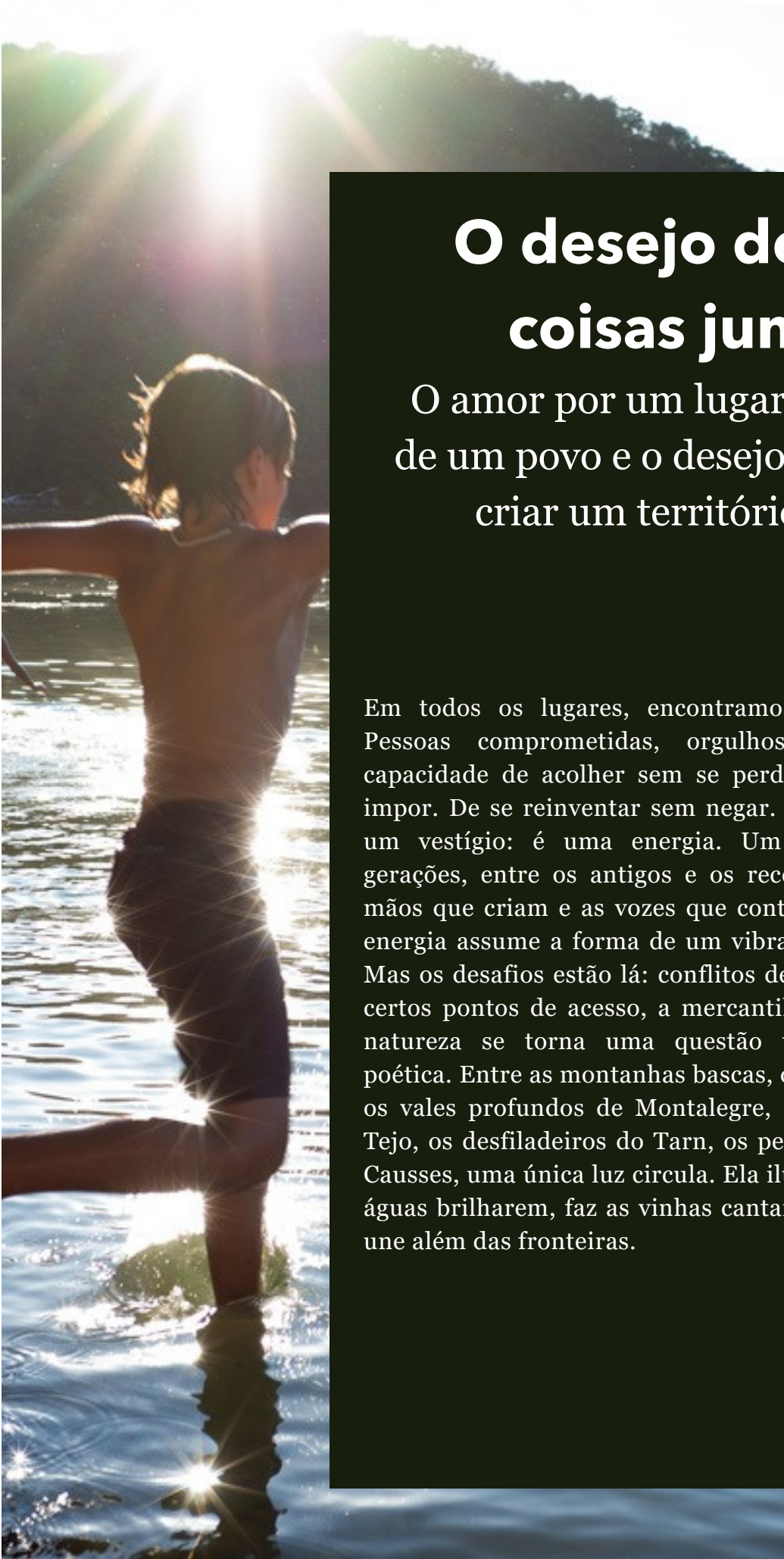


A terra de Montalegre, selvagem e fértil, também fala através dos seus sabores. A gastronomia é mais do que um modo de vida: é um ritual, uma identidade, uma transmissão. Carnes fumadas, pão de centeio e pratos cozinhados lentamente em fogo de lenha falam de inverno, paciência, montanhas e entreajuda. Nas Causse, são os acampamentos de inverno, os piqueniques à beira da falésia e as memórias das primeiras experiências numa corda ou num caiaque que alimentam a memória gustativa. O sabor da terra aqui é o do fogo, da simplicidade e da convivialidade.



O solo do Médio Tejo é um mosaico vivo. Calcário, aluvial, xisto... cada terroir é uma voz, uma emoção, uma forma de habitar o mundo. O vinho torna-se um reflexo do território e um catalisador de identidade. Ao criar uma rota histórica do vinho, a região afirma um desejo: transformar esta memória numa experiência partilhada, sustentável, sensível e coletiva.





O desejo de fazer coisas juntos.

O amor por um lugar, a memória de um povo e o desejo profundo de criar um território juntos.

Em todos os lugares, encontramos a arte do coletivo. Pessoas comprometidas, orgulhosas e abertas. Uma capacidade de acolher sem se perder. De transmitir sem impor. De se reinventar sem negar. O vínculo social não é um vestígio: é uma energia. Um fio que corre entre gerações, entre os antigos e os recém-chegados, entre as mãos que criam e as vozes que contam. Nas Causses, essa energia assume a forma de um vibrante tecido associativo. Mas os desafios estão lá: conflitos de uso, o fechamento de certos pontos de acesso, a mercantilização das práticas. A natureza se torna uma questão tanto política quanto poética. Entre as montanhas bascas, os planaltos de Castela, os vales profundos de Montalegre, os vinhedos do Médio Tejo, os desfiladeiros do Tarn, os penhascos e abismos das Causses, uma única luz circula. Ela ilumina as pedras, faz as águas brilharem, faz as vinhas cantarem e revela o que nos une além das fronteiras.

Nossa história

UMA HISTÓRIA COMUM PARA O SUDOE

A nossa história ganha forma nestes territórios que percorremos e que, por vezes, nos marcam. São lugares que importam, não pela sua força, mas pela sua precisão. Paisagens que transmitem significado, pedras que testemunham, águas que conectam. De Añana a San Lorenzo, de Campo de Montiel ao Vale do Tarn, das montanhas de Montalègre às encostas do Médio Tejo, das falésias dos Grands Causses aos planaltos varridos pelo vento, emerge uma dinâmica comum: uma diversidade de vozes, mas uma identidade partilhada.



Nossas singularidades

Úbeda (San Lorenzo)



Herança renascentista ao redor da igreja e dos jardins suspensos.

Piña



Tesouro milenar da extração de sal.

Médio Tejo



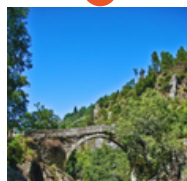
Vinho e património vinícola como uma narrativa compartilhada.

Campo Montiel



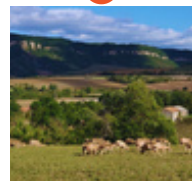
Terras históricas e biodiversidade.

Montalegre



Altas montanhas, cultura viva, ecomuseu do Barroso.

Grandes causas



Agropastorilismo e o Rio Tarn: paisagens monumentais.

Aven Armand Montpellier le vieux SA



Principais sítios geológicos e história dos descobridores.

Identities compartilhadas

Água



Salinas de Añana, lagoas do Campo de Montiel, vinhas do Médio Tejo, rios Tarn, águas subterrâneas de Causse...

Paisagens e pedras



Vilas fortificadas, torres, ermidas românicas, terras agrícolas moldadas, socacos cultivados, pontes, adegas, lagares, muros baixos, grutas, penhascos.

Culturas vivas e festivas



Música antiga, literatura, mercados, festivais folclóricos, crenças, rituais, tradições agrícolas, clubes, cultura ao ar livre, artistas.

O terroir



Sabores locais, culturas alimentares, agricultura de planície e montanha, saber fazer, vinhas, gastronomia.

A força do coletivo e da solidariedade



Transmissões culturais, histórias coletivas, vida comunitária rural, experiências partilhadas, tecido associativo

Valores e desafios comuns

“

Construindo um turismo sustentável baseado em inovação e governança compartilhada.

Preservar e promover o património natural, cultural e imaterial.

Reinventando o turismo por meio de experiências culturais e artísticas.

Desenvolver um turismo inclusivo que respeite as populações locais.

Promover um turismo acolhedor e solidário, proporcionando significado e intercâmbios interculturais.

Adaptação do turismo às mudanças climáticas.

”